

A extrema-direita na atualidade*

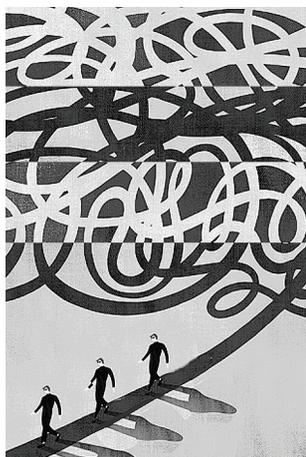
The far right nowadays

*Adriana Brito da Silva***

*Cristina Maria Brites****

*Eliane de Cássia Rosa Oliveira*****

*Giovanna Teixeira Borri******



Resumo: Este ensaio objetiva sintetizar elementos teórico-críticos sobre os diferentes matizes da extrema-direita na atualidade, situando algumas de suas configurações históricas e tendências contemporâneas no Brasil e em países nos quais sua presença tornou-se mais evidente nos últimos anos. Resulta de um seminário temático organizado no interior do Nepedh (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ética e Direitos Humanos — PUC-SP) e, embora não esgote a complexidade do tema, indica elementos relevantes para a agenda política da esquerda em face da barbárie e das manifestações do irracionalismo no interior da sociabilidade burguesa.

Palavras-chave: Irracionalismo. Extrema-direita. Política. Ética e direitos humanos.

* Este ensaio é resultado do seminário temático “extrema-direita na atualidade”, organizado pelas autoras como atividade do segundo semestre de 2013 do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ética e Direitos Humanos (Nepedh), PUC-SP, coordenado pela profa. dra. Maria Lucia Silva Barroco.

** Assistente social, docente da União Nacional dos Estudantes de São Paulo (Uniesp), especialista em políticas públicas e direitos humanos (Fama), mestranda do Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social da PUC-SP, Brasil. *E-mail:* adri_britosilva@yahoo.com.br.

*** Assistente social, doutora em Serviço Social pela PUC-SP, Brasil; professora da Universidade Federal Fluminense, polo de Rio das Ostras, pós-doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP sob supervisão da profa. dra. Maria Lucia Silva Barroco. *E-mail:* crisbrites@uol.com.br.

**** Assistente social, agente fiscal do Cress 9ª Região, integrante do Nepedh, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP, Brasil. *E-mail:* elianecress@hotmail.com.

***** Assistente social, mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP, Brasil. *E-mail:* giovannaborri@hotmail.com.

Abstract: This article aims at summarizing theoretical and critical elements of the different graduations of the far right nowadays, as well as situating some of its historical configurations and contemporary tendencies in Brazil and in countries where its presence has become clearer in the past years. It results from a thematic seminar organized by Nepedh (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ética e Direitos Humanos — PUC-SP) and, although it does not work out the complexities of the theme, it indicates relevant elements for the political agenda of the left, in the face of the barbarism and manifestations of irrationalism inside bourgeois sociability.

Keywords: Irrationalism. The far right. Politics. Ethics and human rights.

Introdução

Este ensaio objetiva sintetizar elementos teórico-críticos sobre os diferentes matizes da extrema-direita na atualidade, situando algumas de suas configurações históricas e tendências contemporâneas no Brasil e em países nos quais sua presença tornou-se mais evidente nos últimos anos.

A relevância deste debate repousa sobre a perspectiva histórica dos direitos humanos e sua defesa intransigente em face da barbárie contemporânea. Fundamenta-se na crítica teórica como instrumento primordial para orientar práticas vinculadas à construção de uma nova ordem social que assegure a emancipação humana. Coloca-se, assim, no campo da esquerda, cuja trajetória histórica tem se configurado como força política que procura formular alternativas à ordem burguesa na direção da superação da desigualdade e da opressão.

Nesta perspectiva, o debate sobre as configurações atuais da extrema-direita, e seu crescimento em algumas sociedades, ultrapassa os limites de uma tematização pontual e acadêmica, colocando-se como pauta central na agenda política de toda esquerda¹ interessada em compreender o mundo em sua processualidade objetiva para transformá-lo no horizonte de uma sociabilidade livre e igualitária.

1. A esquerda como campo político é abordada neste ensaio apenas como contraponto à discussão da direita e extrema-direita; sua análise foi objeto de seminário específico no interior do Nepedh.

As manifestações de junho de 2013² que tomaram as ruas de inúmeras cidades brasileiras colocaram vários desafios para a intelectualidade, para os movimentos sociais, partidos e sindicatos que historicamente se vincularam às bandeiras de luta dos trabalhadores. Dentre eles: entender a força mobilizadora das novas tecnologias de informação e comunicação; a possibilidade de unificação da agenda de lutas — inicialmente em protesto ao aumento das tarifas do transporte coletivo e em defesa do passe livre —; o perfil da juventude vigorosa e contundente que tomou os espaços públicos; o significado da ostensiva (e em algumas situações, violenta) recusa das formas clássicas de organização e participação políticas em torno dos movimentos sociais, partidos e sindicatos e, principalmente, a presença de grupos conservadores e de extrema-direita que do mesmo modo sentiram-se legitimados para expor em público suas convicções segregadoras, irracionais e autoritárias.

A constatação do crescimento da extrema-direita na atualidade e sua mera condenação ideológica parece-nos insuficiente para apreensão da materialidade que lhes dá sustentação e da ação programática necessária para sua superação.

Por isso, apreender a persistente, e indesejável, presença do ideário de extrema-direita coloca-se como desafio ético-político fundamental àqueles que recusam o irracionalismo, os discursos e práticas racistas, xenofóbicas, homofóbicas, sexistas e opressoras.

Assim, apresentamos nossas reflexões sobre a extrema-direita na atualidade, elaboradas com base numa pesquisa bibliográfica e documental que, sem qualquer pretensão de esgotar o tema, procurou delimitá-lo em torno de alguns eixos estruturantes.³

2. As análises sobre essas manifestações, seus desdobramentos e possível vinculação com outras revoltas ocorridas em finais de 2010 e em 2011 (Primavera Árabe, Occupy Wall Street, Indignados da Espanha entre outras) ainda estão em aberto. Uma aproximação competente com esses acontecimentos pode ser encontrada em Maricato, E. et al. (2013).

3. As referências bibliográficas e o material de pesquisa que serviram de apoio para elaboração deste ensaio estão indicados ao longo do texto em sistema de notas e não devem ser tomados como fontes seminais sobre o tema, mas como guia que orientou as reflexões formuladas pelas autoras. O recurso às citações foi necessário em várias passagens tendo em vista, especialmente, a diversidade das fontes consultadas e a metodologia adotada para realização do seminário que balizou a elaboração deste ensaio.

1. Direita e extrema-direita como campo político: aproximações

A política para alguns pensadores da tradição marxista é considerada como uma modalidade de práxis. Uma ação mediada por uma consciência que se eleva da cotidianidade e voltada para realização de finalidades que visam responder a conflitos históricos que envolvem os destinos humanos. Desde os gregos, considerados seus “inventores”, a política é uma ação que supõe o espaço público, que incide sobre comportamentos e escolhas que se articulam a projetos coletivos de sociedade, visando a realização de valores e princípios reguladores da vida social. Para Lukács, no interior da práxis, uma posição teleológica secundária.⁴

Na tradição marxista não há consenso sobre o caráter genérico ou particular da atividade política. Alguns pensadores consideram que se trata de uma atividade universal, um complexo da totalidade social que existe nas diferentes formações históricas. Outros, que se trata de uma atividade particular, existente apenas na configuração histórica das sociedades de classes pela mediação do Estado.

Para nossas reflexões interessa destacar algumas referências mais gerais que contribuam para situar tanto a política como o campo ideológico da direita.

Marx e Engels, em *Manifesto do Partido Comunista*, afirmam que quando “desaparecerem os antagonismos de classes e toda a produção for concentrada nas mãos dos indivíduos associados, o poder público perderá seu caráter político. O poder político é o poder organizado de uma classe para a opressão de outra”.⁵ Assim considerada, a política é um complexo no interior da totalidade social que visa a disputa de poder em torno de interesses e necessidades de classes.

O termo esquerda e direita na política nasce no contexto de emergência da Revolução Francesa, “delegados identificados com igualitarismo e reforma social sentavam-se à esquerda do rei; delegados identificados com aristocracia

4. O trabalho, posição teleológica primária, visa a transformação da natureza. As posições teleológicas secundárias se voltam para a transformação (reprodução) da sociedade. Sobre as elaborações políticas de Lukács ver especialmente Coutinho e Netto (2011).

5. Marx, K.; Engels, F. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998. p. 58.

e conservadorismo, à direita. [...] ao longo do século XIX na Europa a distinção entre esquerda e direita passa a ser associada com a distinção entre liberalismo e conservadorismo”

O desenvolvimento do ser social e de suas modalidades de práxis introduz novas forças sociais que interferem na configuração e nos limites desses campos ideológicos. A constituição da classe trabalhadora como sujeito político — como *classe-para-si* — e a difusão da crítica marxiana à sociabilidade burguesa — vinculada à sua perspectiva revolucionária de classe — associam os conteúdos de esquerda à defesa dos interesses dos trabalhadores. O crescimento das ideias reformistas da social-democracia em finais do século XIX e a Revolução Russa de 1917 marcam a delimitação dos interesses burgueses no campo ideológico da direita e dos trabalhadores no campo da esquerda.

A consolidação da hegemonia burguesa, seus mecanismos de reprodução da ordem do capital, a alienação política e os dilemas estratégicos para responder às configurações históricas das necessidades postas pela luta de classes ampliaram o espaço político no qual esquerda e direita se moveram. A experiência do nazifascismo, a geopolítica mundial durante e no imediato pós-Segunda Guerra Mundial, a experiência do Estado de Bem-estar social, a disputa entre os blocos capitalista e socialista são determinações que incidem sobre os campos ideológicos da esquerda e da direita de forma diferenciada em cada sociedade.⁶

No plano político, conservadores e reacionários historicamente se mantiveram no campo ideológico da direita, resistindo a mudanças estruturais que levassem a perdas de poder econômico e político. Reformistas, socialistas e comunistas se colocaram em frentes comuns de defesa da democracia política e/ou do projeto civilizatório da modernidade. Essa mobilidade conjuntural num campo político mais amplo, marcada especialmente por coalizões políticas e/ou partidárias, contribui para dificultar a delimitação precisa entre um e outro campo ideológico, gerando polêmicas analíticas e muitas confusões.

No Brasil essa dificuldade é ainda maior, dada as características de nossa formação sócio-histórica marcada pela(o): colonização; escravismo prolongado;

6. As posições do Partido Comunista do Brasil na era Vargas são emblemáticas nesse sentido. Ver, entre outros, Coutinho (2006); Frederico (1994); Sader (1995).

herança patrimonialista, coronelista e conservadora de nossas elites; inserção periférica no capitalismo mundial; transição não clássica ao capitalismo; tardia formação do operariado urbano-industrial com forte influência da imigração europeia e pouca tradição de esquerda.

No contexto contemporâneo, investe-se na despolitização da vida pública e na recusa da validade ideológica da definição de esquerda e direita na política. Contribuem para essa despolitização a derrocada do socialismo soviético, o atual estágio de acumulação do capital e a ideologia pós-moderna. Esta última recusando a centralidade do trabalho na vida social, os valores universais e insistindo na perspectiva subjetivista e contingencial de análise da realidade.

Partidos, movimentos e políticos profissionais vinculados ao ideário burguês, portanto, aos interesses dominantes que os situam no campo da direita, recusam tal associação diante da crítica contundente da esquerda revolucionária sobre os limites da ordem do capital para realizar a igualdade e a emancipação humanas. Por outro lado, segmentos oriundos da esquerda, especialmente aqueles que introduzem uma racionalidade instrumental na disputa pelo poder do Estado, secundarizando princípios, valores e interesses à lógica da disputa eleitoral, procuram se desvencilhar das pechas de totalitarismo e radicalismo atribuídos à esquerda.

Bobbio e Anderson protagonizaram um fecundo debate teórico sobre o campo político da esquerda e da direita. Bobbio, após extensa análise sobre o tema propõe como critério para distinguir direita e esquerda a ideia de igualdade e para distinguir a ala moderada da extremista, tanto na esquerda quanto na direita, a postura diante da liberdade. Ao final de suas análises, apresenta uma esquematização na qual define extrema-direita, centro-direita, extrema-esquerda e centro-esquerda.⁷

Numa apreciação rasa do esquema proposto por Bobbio é possível verificar a introdução de uma posição de centro, tanto de esquerda quanto de direita, que passa a funcionar como único divisor das posições extremistas. O centro esquerda traduz a própria posição política do filósofo, que ele denomina de

7. Bobbio, N. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 2011. p. 14-135.

socialismo liberal, que, embora paradoxal, para ele abarca a social-democracia. Nota-se que a esquerda clássica, revolucionária, passa a ser identificada com autoritarismo e considerada antidemocrática.

Anderson é contundente na sua crítica ao esquema proposto por Bobbio, explorando as concepções de igualdade e liberdade tratadas por esse autor e tomadas como critérios definidores do campo político, além de criticar o papel do centro e a ausência de uma referência à processualidade histórica. A crítica de Anderson se dirige, em suas próprias palavras, “à lógica interna dos argumentos de Bobbio” e “ao contexto externo”. Revela absoluta simpatia *ao apaixonado apelo de Bobbio* pela preservação dos conceitos de Direita e Esquerda. No entanto, afirma,

não é fechando os olhos para o esvaziamento de seus conteúdos, por obra da tendência que hoje se afirma na política, que teremos como salvá-los. Uma defesa puramente axiológica da ideia de Esquerda, isolada de qualquer teoria histórica e de qualquer crítica às instituições em condições de abalar o *status quo*, não será suficiente para que se consiga a vitória.

Os traços gerais da polêmica entre esses dois grandes pensadores por si só indicam as dificuldades atuais de compreender e definir esses campos políticos. Para fins de nossa reflexão, ainda que pesem as transformações ocorridas na sociabilidade burguesa, no Estado e em seu papel na regulação dos antagonismos de classe e os novos desafios no interior da luta de classes, a nosso ver, a diferenciação ideológica entre esquerda e direita não foi superada pela processualidade histórica. A direita permanece como campo político vinculado aos interesses de dominação, opressão, apropriação privada da riqueza social e, portanto, à reprodução da ordem do capital. Assim como a esquerda se mantém como campo político vinculado aos interesses da classe que vive do trabalho e à necessidade imperiosa de ultrapassagem da sociabilidade do capital.

A extrema-direita, marcadamente associada às trágicas experiências do nazifascismo, continua apresentando muitos traços originais do contexto de sua emergência: irracionalismo, nacionalismo, defesa de valores e instituições tradicionais, intolerância à diversidade — cultural, étnica, sexual — anticomunismo,

machismo, violência em nome da defesa de uma comunidade/raça considerada superior. Compartilhando do ideário político vinculado aos interesses de dominação, opressão e apropriação privada da riqueza social, distancia-se da direita tradicional pela intolerância e pela violência de suas ações, embora, quando organizada em partidos ou associações públicas, recuse tais práticas por parte de seus membros.

Tomando a realidade histórica como critério de verdade das formulações teóricas, na sequência apresentamos alguns elementos visando assegurar maior concretude à nossa discussão.

2. Matizes da extrema-direita

2.1 Toda direita é fascista?

Paxton sustenta que nem todo movimento extremista, de direita ou de esquerda, pode ser denominado fascista e, ao longo de sua extensa pesquisa, procura identificar os condicionantes históricos de sua emergência, os estágios de sua consolidação, sua influência fora da Itália de Mussolini e da Alemanha de Hitler, além de propor características definidoras e possibilidades de reprodução do fascismo na atualidade. Atribui às experiências históricas do fascismo os seguintes estágios: emergência, enraizamento político, tomada de poder, exercício do poder e um período mais longo no qual o regime opta pela radicalização ou entropia.

Para Paxton, a preocupação contemporânea com as possibilidades de reedição desse trágico episódio da história humana deve se ater ao estágio de enraizamento político, visto que a emergência de movimentos fascistas pós-guerra pode ser observada em todo o mundo sem, no entanto, representar risco efetivo ao projeto civilizatório, uma vez que não encontre uma base social, econômica e política que lhes dê sustentação (enraizamento político).

À nossa reflexão sobre a extrema-direita na atualidade interessa reter a definição e a caracterização feita por Paxton sobre o fascismo, procurando

problematizá-las em face de outras formas de irracionalismo. Para este autor, o fascismo é uma

forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza. (2007, p. 358-359)

Entre as paixões mobilizadoras indicadas pelo autor, destacamos: *senso de crise catastrófica; primazia e vitimização do grupo considerado superior que legitima qualquer ação de extermínio do inimigo; defesa de chefes naturais sempre do sexo masculino, defesa da superioridade dos instintos do líder, direito do grupo considerado superior de dominar os demais, sem qualquer restrição de lei humana ou divina.*

Embora a definição e as “paixões mobilizadoras” tratadas por Paxton não autorizem denominar de fascista as práticas de grupos, movimentos, organizações e partidos que se situam no campo político da direita e da extrema-direita, permitem identificar a existência de várias simetrias entre elas e o fascismo, tanto em relação ao comportamento e aos ideais políticos quanto às condições objetivas que contribuem para sua emergência.

O fascismo se configurou como uma experiência histórica emblemática da barbárie, uma vez que se concretizou no mesmo solo ocidental que semeou o projeto civilizatório da modernidade, fundado na razão, no Estado laico e no humanismo. Sua reedição tem sido recusada por vários pensadores, tanto pelas feridas traumáticas que o fascismo legou para a humanidade quanto pela compreensão da história como processo irrepetível. No entanto, uma abordagem crítica sobre a totalidade social permite identificar que se a história não se repete, uma vez que expressa particularidades da ação concreta dos homens no atendimento de necessidades também históricas e particulares, sua processualidade contraditória é constituída de momentos de conser-

vação e de superação que só são radicalmente ultrapassados por rupturas revolucionárias.

Os momentos revolucionários presentes no processo de desenvolvimento e complexificação do ser social não foram capazes de ultrapassar as formas históricas de sociabilidade fundadas na desigualdade de classes e na exploração do homem pelo homem. Desde a superação das sociedades comunais primitivas, a emergência da propriedade privada e do Estado até o capitalismo contemporâneo, a história da humanidade é a história da luta de classes (Marx). A marca diferencial dessa luta no capitalismo é sua reprodução ampliada num estágio altamente desenvolvido das forças produtivas e do ser social, no qual a desigualdade e a miséria não são determinações colocadas pelo intercâmbio do homem com a natureza, mas condição para reprodução da ordem do capital.

Neste sentido, concordamos com Paxton sobre a inviabilidade de reedição do fascismo como experiência particular do contexto entre as duas grandes guerras mundiais, ou seja, um fascismo com as mesmas características, simbolismo e programática seria uma impossibilidade histórica. Por outro lado, uma vez que não foram superadas, no sentido revolucionário do termo, as determinações econômicas e políticas que contribuíram para sua emergência e ascensão ao poder, práticas fascistas com outros matizes são plenamente possíveis na atualidade.

Nesta perspectiva, tomando o fascismo como uma expressão emblemática da barbárie, as análises de Paxton sobre esse fenômeno, a perspectiva histórica e de totalidade sobre o desenvolvimento do ser social, o reconhecimento ontológico de que a raiz dos problemas e soluções para as necessidades humanas deve ser buscada no próprio homem, nos propomos a discutir algumas expressões do fanatismo, do fundamentalismo e do campo político da extrema-direita, considerando-os como formas de consciência histórica que emergem em contextos de crise de dominação inerentes à reprodução de determinada forma de relação entre os homens — sendo que, no contexto contemporâneo, trata-se de uma crise estrutural do capital — e que jogam um peso diferenciado sobre as potencialidades destruidoras de tais fenômenos em face do projeto civilizatório inaugurado pela modernidade.

2.2 Expressões da barbárie: fanatismos e fundamentalismos religiosos e de mercado

Perseguições, pilhagens, práticas segregadoras de extrema violência, de extermínio e suicídios coletivos marcam as várias formas de fanatismos e fundamentalismos no interior da luta de classes, ou seja, na história da humanidade. O fundamento comum desses fenômenos, consideradas as particularidades históricas, sintetiza a articulação material de crises de dominação e formas de consciência irracionais.

O fundamentalismo religioso, por exemplo, comumente associado ao islamismo pelas elites dominantes, especialmente após 11 de setembro de 2001,⁸ pode ser identificado em vários episódios históricos amplamente conhecidos, tanto na Idade Média como na contemporaneidade.

As cruzadas cristãs, “expedições militares-religiosas medievais”, desde sua primeira edição, em 1095, foram convocadas por papas e sempre conjugaram motivações religiosas e interesses econômicos e políticos visando a dominação. Foram consideradas como guerras justas, inclusive na teologia de Santo Agostinho.

As guerras santas, tanto cristãs como muçulmanas, encontraram na crise de dominação seu fundamento material e no irracionalismo sua forma de consciência. Religião e irracionalismo partem do solo comum da transcendência como princípio regulador da vida. Ou seja, um princípio incognoscível que, portanto, escapa aos domínios da razão.

Lukács,⁹ no conjunto de sua monumental produção intelectual, dedicou importantes reflexões à crítica do irracionalismo e do comportamento religioso, identificando na transcendência um princípio que ignora a base ontológica material que fundamenta o ser social e institui formas de consciência que levam à intolerância.

8. Data do ataque da organização Al-Qaeda aos Estados Unidos da América. Dois aviões comerciais sequestrados pela organização atingiram as torres do World Trade Center, em Nova York, um terceiro atingiu o Pentágono e um quarto avião se dirigia à Casa Branca e supostamente caiu pela intervenção de passageiros e tripulantes.

9. Para Netto, em sua obra *A destruição da razão*, Lukács se dedica ao confronto das vertentes irracionalistas, considerando-as opositoras exclusivas do materialismo histórico e dialético. Somente na Ontologia considera os riscos do racionalismo formal das vertentes neopositivistas (Lukács, 1968).

A ênfase religiosa se orienta pois a algo transcendente por princípio [...] entre o homem inteiro concreto e o objeto de sua intenção religiosa se introduz uma transcendência principal; não o mero desconhecido, senão algo por princípio incognoscível — com os meios normais da vida — que pode, contudo, converter-se em íntima convicção do homem mediante um correto comportamento religioso. (Lukács, 1966, p. 124)

O princípio transcendente é sustentado pela atitude de fé sobre verdades reveladas, superiores e absolutas que determinam toda a vida,

[...] a fé não é nesse caso opinar, um estágio prévio do saber, um saber imperfeito, ainda não verificado, senão, ao contrário, um comportamento que abre — o solo — o acesso aos fatos e as verdades da religião [...] que abarca o homem inteiro e o consoma de um modo universal [...]. Os fatos estão garantidos por uma superior revelação, e esta prescreve também o modo como reagir a eles.

A transcendência obstaculiza o conhecimento racional e, nesse sentido, esvazia o fundamento ontológico material de toda atividade humana, abrindo espaço para incertezas consideradas intransponíveis e experiências históricas que favorecem práticas fanáticas e fundamentalistas.

Ainda no plano religioso, podemos lembrar outras faces do fanatismo: a caça às bruxas durante o período inquisidor da Igreja Católica na Idade Média, que fez da mulher sua principal vítima, mas também voltou-se contra práticas, tradições e conhecimentos divergentes das “verdades” religiosas professadas pelo cristianismo, atingindo minorias étnicas, alquimistas, cientistas e artistas.¹⁰ Seitas contemporâneas no mundo ocidental também revelam a face do fanatismo e são analisadas por Camargo,¹¹ como o Templo do Povo, liderado pelo “reverendo” Jim Jones, que em 1978, na Guiana, levou à morte — por envenenamento ou assassinato dos que se recusaram a beber o veneno — 913 pessoas, dentre elas 275 crianças e doze bebês. Camargo também analisa o final trágico

10. Neto, José Alves de Freitas. Caça às bruxas. In: Pinsky, J.; Pinsky, C. B. (Orgs.). *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 49-60.

11. Camargo, C. No reino das trevas. In: Pinsky, J.; Pinsky, C. B. (Orgs.). *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 61-75.

da liderança de Vernon Howell (que mudou o nome para David Koresh) da Igreja Davidiana, que resultou, em abril de 1993, na morte de 87 pessoas, entre elas Howell e 25 crianças. Em 1994, três incêndios, dois em vilarejos da Suíça e um no Canadá, vitimaram cerca de 53 pessoas, incluindo crianças. Todos foram associados à seita Templo Solar, liderada pelo médico Luc Jouret.

Na contemporaneidade, o extremismo muçulmano torna-se emblemático tanto pela violência de seus vários grupos quanto pelo uso ideológico de uma imagem exclusiva do terror que oculta as mazelas provocadas ou alimentadas pelo fundamentalismo de mercado do Ocidente. Demant,¹² ao analisar o fundamentalismo islâmico, considera-o como uma forma particular de fanatismo contemporâneo que não expressa a totalidade histórica do islamismo — ecumênica na maior parte de sua trajetória — e que revela traços comuns “com outros movimentos totalitários que cresceram e se desenvolveram com a modernidade, mas que lutam contra ela”.¹³ Para esse autor, o fanatismo islâmico se aproxima de outros movimentos autoritários antimodernos que “apresentam projetos de uma nova engenharia social, que condena os rumos tomados pela modernidade”.¹⁴

O islamismo, equivocadamente, é associado à práticas terroristas e extremistas, especialmente após o 11 de setembro. Segundo Chauí, “depois dessa data, islamismo e barbárie identificaram-se e a satanização do bárbaro consolidou-se numa imagem universalmente aceita e inquestionável. Fundamentalismo religioso, atraso, alteridade e exterioridade cristalizaram a nova figura da barbárie e, com ela, o cimento social e político trazido pelo medo”.¹⁵

Essa associação, islamismo e barbárie, foi amplamente divulgada pela mídia após a reação do governo estadunidense que “decretou” a existência de um eixo do mal e declarou guerra ao terror. As respostas do governo norte-americano de George W. Bush ao atentado de 11 de setembro incluíram: invasão ao Afeganistão, em ataque ao Talibã, organização que teria abrigado

12. Demant, P. A escorregada rumo ao extremismo muçulmano. In: Pinsky, J.; Pinsky, C. B. (Orgs.). *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 16-31.

13. *Ibidem*, p. 23.

14. *Ibidem*, p. 23.

15. Chauí, M. *Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político*. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/filopolconbr/Chauí.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

integrantes do Al-Qaeda, recrudescimento da vigilância interna sobre os imigrantes; rigidez para conceder vistos de entrada a estrangeiros aos Estados Unidos da América e a publicação da lei de 2001, conhecida como Patriot Act, que visa “unir e fortalecer a América, fornecendo instrumentos apropriados requeridos para interceptar e obstruir o terrorismo” e autoriza o governo estadunidense a realizar “invasão de lares, a espionagem de cidadão, interrogatórios e torturas de possíveis suspeitos de espionagem ou terrorismo, sem direito a defesa ou julgamento”.¹⁶

As intervenções e cooperações militares lideradas pelos Estados Unidos no imediato pós-Segunda Guerra, contexto no qual essa potência assume hegemonia mundial, sempre foram legitimadas pela defesa abstrata da democracia e dos direitos humanos, ocultando interesses econômicos e políticos de dominação e contrarrevolucionários, cujas experiências mais dramáticas podem ser exemplificadas pelo apoio econômico, político e técnico às ditaduras empresarial-militares que assombraram os países latino-americanos por mais de duas décadas; financiamento de guerras civis e ações terroristas na África e no Oriente Médio; intervenções militares na América Central; expansão de bases militares norte-americanas em vários continentes; embargos diplomáticos e econômicos a inúmeros países que resistiam à sua intervenção imperialista.¹⁷

No contexto da Guerra Fria, que polarizara o mundo em nações socialistas e capitalistas, tais intervenções e cooperações militares norte-americanas eram alimentadas ideologicamente pela iminência de uma terceira grande guerra mundial e pela defesa das chamadas liberdades individuais e democráticas fundadas no *American way of life*, ou seja, no “livre” comércio de mercadorias. A guerra armamentista dava sustentação material à luta ideológica entre as nações consideradas democráticas (capitalistas) e as autoritárias (socialistas), além de alimentar a acumulação privada de capital das indústrias armamentistas num contexto de crise estrutural. A polarização provocava uma tensão permanente entre as duas grandes potências mundiais (Estados Unidos e União

16. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/USA_PATRIOT_Act>. Para uma análise acurada dessa lei, consultar Teixeira Jr. (2011).

17. Sobre o novo imperialismo, ver Havey, D. *O “novo” imperialismo: acumulação por espoliação*. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/social/2004pt/05_harvey.pdf>. Acesso em: out. 2013.

Soviética) e ao mesmo tempo um equilíbrio de forças na disputa pelo controle econômico e ideológico de ex-colônias tornadas independentes e de grupos étnicos situados fora dos limites continentais de suas dominações.

Com o fim da Guerra Fria e do socialismo soviético, os limites externos às intervenções militares praticadas ou lideradas pelos Estados Unidos foram afrouxados, favorecendo a prática de guerra como mediação privilegiada para solução de conflitos. A primeira guerra do Golfo, invasão do Iraque em 1990 pelas forças de coalização lideradas pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha, é um dos símbolos de ostentação da supremacia estadunidense na condução de intervenções militares, tanto que a operação, conhecida como *Tempestade no Deserto*, foi televisionada pela rede CNN. Do mesmo modo, tal supremacia pode ser identificada nas intervenções da Otan, coordenadas pelos Estados Unidos, na Sérvia e na Bósnia, sem anuência do Conselho de Segurança da ONU.

Após o 11 de setembro, a intervenção militar dos Estados Unidos em vários países (Afeganistão, 2001; Iraque, 2003; Líbia, 2012) permanece fiel à defesa abstrata da democracia e dos direitos humanos, ocultando interesses econômicos e políticos, mas ganhando novos conteúdos em torno da Guerra ao Terror, que inclui a eliminação de grupos extremistas e a manutenção da guerra às drogas. Desse modo, voltam-se especialmente para as regiões com grandes reservas minerais (petróleo e gás, por exemplo), cuja justificativa sustenta-se no combate ao terrorismo (grupos islâmicos em especial), na instabilidade do Estado que ameaça a democracia (regiões produtoras de substâncias psicoativas condenadas pela ideologia de guerra às drogas), na “restauração” da democracia, com tentativas ou golpes parlamentares apoiadas pelo Pentágono, nos países nos quais governos de orientação socialista foram eleitos pelas urnas (Venezuela, Honduras, Paraguai e Bolívia) e em defesa dos direitos humanos em face da ameaça de armas de destruição em massa (segunda guerra do Golfo, cuja intervenção se manteve de 2003 a 2011, e ameaças de invasão à Coreia do Norte e Irã, por exemplo).

Essas referências às formas da dominação estadunidense visam tomá-las como expressões particulares de uma totalidade mais ampla que coloca as bases para várias expressões do fundamentalismo, tanto religioso quanto de mercado.

Num belíssimo artigo, Chauí¹⁸ analisa como o contexto da chamada “pós-modernidade” abre espaço para um fundamento teológico-político que também se alimenta da interdição do espaço público às expressões religiosas feita pela modernidade. Baseada nas análises de Harvey¹⁹ sobre a compressão espaço-tempo produzida pela *acumulação flexível do capital*, Chauí analisa o significado histórico das experiências fundadas na contingência.

Volátil e efêmera, hoje nossa experiência desconhece qualquer sentido de continuidade e se esgota num presente vivido como instante fugaz. Essa situação [...] leva ao abandono de qualquer laço com o possível e ao elogio da contingência e de sua incerteza essencial. O contingente não é percebido como uma indeterminação que a ação humana poderia determinar, mas como o modo de ser dos homens, das coisas e dos acontecimentos. (2006, p. 127-128)

Tal situação, para a autora, não “está separada da crise do socialismo e do pensamento de esquerda, isto é, do enfraquecimento da ideia de emancipação do gênero humano” (Idem, p. 127). A combinação de determinações econômicas, políticas e ideológicas que favorecem a hegemonia do Estado neoliberal cooperam para o encolhimento do espaço público e alargamento do espaço privado, contribuindo para a despolitização e para o fortalecimento tanto da transcendência divina quanto da autoridade política.

Para Chauí, o ressurgimento do fundamentalismo religioso resulta da secularização moderna, do mercado pós-moderno, do Estado neoliberal e da condição de insegurança, “na qual o medo do efêmero leva à busca do eterno”. Em suas análises sobre o ressurgimento do fundamentalismo religioso, Chauí recupera elementos importantes da crítica marxista à religião que, ao contrário das demais formulações modernas, não se restringe à constatação de seu caráter alienante, o “ópio do povo”, mas se dirige ao fundamento que a mantém como necessidade. “Em outras palavras, Marx esperava que a ação política do proletariado nascesse de uma outra lógica que não fosse a supressão imediata

18. Chauí, M. *Fundamentalismo religioso*: a questão do poder teológico-político. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/filopolconbr/Chauí.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

19. Harvey, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

da religiosidade, mas sua compreensão e superação dialética, portanto, um processo tecido com mediações necessárias”²⁰

Em suas análises, *a privatização do espaço público, sustentadas pela lógica do mercado, pelo Estado neoliberal e pela intervenção dos megaorganismos econômicos privados nas decisões dos governos*, resultam na despolitização e na ideologia da competência, “segundo a qual, os que possuem determinados conhecimentos têm o direito natural de mandar e comandar os demais em todas as esferas da existência” (p. 131).

Para Chauí, a articulação desses elementos revela os riscos do fim da política e contribuem para a proximidade entre fundamentalismo religioso e de mercado, “a transcendência da competência técnica corresponde à transcendência da mensagem divina a alguns eleitos ou iniciados, e não temos por que nos surpreender com o entrecruzamento entre o fundamentalismo do mercado e o fundamentalismo religioso” (Idem).

A nosso ver, esses elementos analíticos se aproximam de nossa discussão sobre a articulação entre crise de dominação e irracionalismo,²¹ permitindo a apreensão dos fundamentos materiais que contribuem para as várias formas de fanatismos e fundamentalismos que, sob diversos matizes, se proliferam na contemporaneidade e colocam em risco o projeto civilizatório da modernidade. Muitas dessas tendências, como veremos a seguir, colocam-se no campo político da extrema-direita.

3. Tendências contemporâneas da extrema-direita

Há inúmeras expressões da extrema-direita na contemporaneidade. Algumas organizadas em partidos, outras em associações ou grupos e muitas pulverizadas em práticas violentas não autorais dirigidas a imigrantes, negros, homossexuais e, no caso do Brasil, também a nortistas e nordestinos.

20. Ibidem, p. 129.

21. Ver também Lukács (2009).

A tendência predominante nesses grupos, inclusive entre formadores de opinião que se autointitulam independentes e compartilham de convicções e valores situados no campo ideológico da extrema-direita, é de recusa dessa denominação, dada a vinculação histórica desse campo com o nazifascismo e com a decorrente conotação racista e antissemita. No entanto, suas formulações são reveladoras do campo político no qual se situam.

O recorte que realizamos não abrange a magnitude dessa realidade, nem em escala mundial tampouco entre nós, mas permite assegurar sua visibilidade que tanto nos preocupa quanto nos desafia.

No caso do Brasil, além das tendências contemporâneas, nos detivemos na história da Ação Integralista e da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). A primeira por sua explícita vinculação com o fascismo italiano e a segunda por sua emergência no contexto do golpe empresarial-militar de 1964 como uma das expressões de direita que deram sustentação ao golpe.

3.1 A extrema-direita no Brasil

*Ação Integralista*²²

O pensamento integralista foi gestado no contexto político-cultural da década de 1920. Em 1926, Plínio Salgado, principal líder integralista, lançou seu primeiro romance: *O estrangeiro*, no qual já delineava um projeto político para o Brasil. Plínio teve seu pensamento político influenciado pelo fascismo italiano. A Ação Integralista Brasileira (AIB) surge em 1932, com o lançamento do *Manifesto de Outubro*, documento cujo conteúdo expressa os ideários fascistas que nortearam ideologicamente o movimento.

22. A síntese realizada sobre o integralismo foi baseada nas informações disponíveis especialmente em: <<http://www.tempopresente.org/>>. Acesso em: 23 out. 2013; <<http://integralismohistoriaedoutrina.blogspot.com.br/2012/05/concepcao-integralista-da-sociedade.html>>. Estudos sistemáticos podem ser encontrados no material disponibilizado pelo Grupo de Estudos de Integralismo (Geint) e outros movimentos nacionalistas. Disponível em: <<http://historiaedireita.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 23 out. 2013.

No mesmo ano, Plínio Salgado foi redator do jornal *A Razão*, veículo por intermédio do qual buscou ativar a consciência dos meios políticos e intelectuais em relação à crise econômica e política desencadeada na década de 1930. Fundou a Sociedade de Estudos Políticos que ficou conhecida como a antecâmara da AIB.

Durante sua atuação na década de 1930, a AIB aglutinou uma militância estimada entre 500 mil e 800 mil pessoas, e dentre os denominados camisas-verdes (uniforme integralista) destacaram-se: Miguel Reale (jurista e escritor), Gustavo Barroso (romancista e presidente da Academia Brasileira de Letras) e dom Hélder Câmara, que posteriormente se aproximou da esquerda.

A trajetória da AIB, que surge como um movimento de caráter “cívico-cultural”, é marcada por mudanças, uma das quais é a formação do Partido Ação Integralista, criado após deliberações do II Congresso Integralista, realizado em 1935, em Santa Catarina.

A criação do partido demonstrava a força e o crescimento do integralismo no país. Segundo Neto, era a maior organização fascista fora da Europa e tinha o objetivo de chegar ao poder através da democracia.

Os integralistas se aliaram a Getúlio Vargas e apoiaram o golpe que levou à constituição do Estado Novo. A intenção era efetivar um prévio acordo entre o chefe estatal e os líderes integralistas, pois visualizavam possibilidades de inserção ideológica dentro do futuro regime. Entretanto, após a consumação do golpe, o partido foi posto na ilegalidade.

A primeira tentativa de reorganização da AIB foi a criação da Associação Brasileira de Cultura (ABC), que visava o retorno às origens não partidárias do integralismo, de caráter “cívico-cultural”, no entanto, a empreitada também não garantiu legitimidade perante o Estado Novo. Na ocasião, alguns militantes abandonaram as camisas-verdes e se aliaram ao governo federal. A liderança integralista oscilava entre tentativas de aproximação ao governo, numa perspectiva de barganha, e críticas públicas contra a traição de Getúlio. Do mesmo modo, surgiam iniciativas que pleiteavam o efetivo rompimento entre remanescentes integralistas e o governo federal.

Em 1938, aliados a setores políticos diversos, entre eles liberais, os militantes integralistas tentaram tomar de assalto o Palácio da Guanabara, visando a derrubada de Getúlio, o que, conseqüentemente, poderia proporcionar uma

investida integralista sobre o poder. A tentativa fracassou, e o Estado Novo reprimiu o movimento, com ações que variaram entre apreensão de materiais, prisão de militantes e uma pressão exercida sobre Plínio Salgado, que foi forçado a exilar-se em Portugal.

Durante o exílio de Plínio Salgado formou-se o Partido de Representação Popular (PRP), que inicialmente pretendia se desvincular dos movimentos fascistas da década de 1930, especialmente pelo contexto mundial do segundo pós-Guerra, que impunha limites às manifestações ideológicas análogas à tirania do fascismo internacional. Esse abandono dos referenciais originários do integralismo (símbolos, uniformes, organizações internas ou mesmo festivas) não foi bem-visto por uma parcela da militância, gerando, inclusive, proposta de rompimento e a criação de um partido genuinamente integralista.

Ao retornar do exílio, Plínio Salgado assumiu a presidência do PRP, cuja trajetória foi marcada por constantes tentativas de retomar alguns pressupostos integralistas originários, ao mesmo tempo em que havia a necessidade de se articular com a dinâmica partidária do segundo pós-Guerra. Mantiveram o sigma como símbolo do partido e alguns cerimoniais semelhantes aos existentes na década de 1930.

Durante a primeira metade da década de 1960, a ação integralista teve atuação partidária ou em organizações sob o controle e influência de Plínio Salgado. Assim ocorreu com as Confederações Culturais da Juventude (CCJ), cujo objetivo era a formação intelectual da juventude, os águias brancas.

Plínio Salgado e diversos integrantes do PRP apoiaram o golpe empresarial-militar de 1964 no Brasil. Naquele contexto, o chefe integralista foi um fervoroso orador da “Marcha da Família, com Deus e pela Liberdade”, realizada em São Paulo, em março de 1964.²³ Após o golpe, o PRP foi extinto, assim como vários outros partidos. Entretanto, Plínio e outros militantes integralistas fizeram parte do governo ditatorial. Plínio foi nomeado deputado federal pela Aliança Renovadora Nacional (Arena).

23. Atestando a importância desse debate, lembramos que após a realização do seminário que deu origem a este ensaio, em 31 de março de 2014, cinquentenário do golpe empresarial-militar no Brasil, grupos de extrema-direita reeditaram em várias cidades brasileiras a “Marcha da Família, com Deus e pela Liberdade”. Ver reportagem “A direita sai do armário” (*Caros Amigos*, ano XVII, n. 205, 2014).

Com a morte de Plínio Salgado, em 1975, houve uma fragmentação entre os integralistas. Abriu-se espaço para disputas internas — evidenciadas desde a criação do PRP, no entanto, acomodadas na figura do líder — entre a busca da herança do legado de Salgado e as alianças partidárias. Surge, assim, o neointegralismo. Nesse contexto, a atuação dos integralistas não almejava ambições partidárias, em função do próprio contexto político do final da década de 1970. Desse modo, optaram por manter viva a memória de Plínio Salgado. Com esse objetivo, fundaram o jornal *Renovação Nacional* — criado por Jader Medeiros, bem como fundações, associações culturais e espaços de conservação da memória, como a Casa Plínio Salgado, criada em 1981 na cidade de São Paulo.

A conjuntura política de 1984, marcada pela campanha das Diretas Já, abriu possibilidades para a reorganização de um partido integralista. A empreitada foi encabeçada por Anésio de Lara Campos Jr., membro do antigo PRP e criador da Ação Nacionalista Brasileira (ANB). No entanto, foi um movimento efêmero, que se extinguiu em 1985, mesmo ano em que Anésio registrou a AIB em seu nome. Essa iniciativa, somada às aproximações de Anésio ao Partido de Ação Nacionalista (PAN) (efêmero), ao movimento dos Carecas do Subúrbio e a outros grupos neonazistas, foram fatores que contribuíram para impedir a formação de um novo partido integralista.

Após a morte de Plínio Salgado, houve uma fragmentação dos grupos integralistas, pois não havia uma unidade programática que acomodasse todos os neointegralistas. A primeira tentativa dessa articulação ocorreu no I Congresso Integralista do século XXI, realizado em São Paulo, em 2004. Esse congresso contou com o apoio dos simpatizantes da TFP, da União Nacionalista Democrática e da União Católica Democrática. Na ocasião, foi criado o Movimento Integralista Brasileiro (MIB), entretanto, não conseguiram registrar a sigla em cartório, pois Anésio Lara, que participara desse evento, já havia registrado anteriormente a sigla em seu nome, sem comunicar aos demais. Uma vez mais fracassou a tentativa de unificação.

Essa tentativa frustrada abriu caminho para a criação de três grupos. A Frente Integralista Brasileira, criada para manter o integralismo dos anos 1930, preservando seus símbolos e doutrinas. Embora não apresentasse aspirações partidárias, aproxima-se, por exemplo, do Partido de Reedificação Nacional

(Prona). O Movimento Integralista e Linearista (MIL-B) também visa a atualização da ideologia integralista da década de 1930. Para isso recorre às análises de autores integralistas e antissemitas. Posiciona-se contra os partidos políticos e a liberal democracia. Afirma, inclusive, que a democracia é uma farsa que contribui para manter a opressão dos povos. A Ação Integralista Revolucionária (AIR), que tem uma posição “extremamente crítica” em relação ao sistema partidário, inclusive às propostas do período de Plínio Salgado. Considera que a essência do integralismo pode ser encontrada entre os anos 1932 e 1935. Defende uma revolução interior nos costumes, espiritualistas, o que seria um caminho ideal a ser perseguido para uma atuação integralista revolucionária do século XXI.

*Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP)*²⁴

A Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade é uma associação civil fundada em 1960. Seu fundador e líder espiritual, Plínio Côrrea de Oliveira é venerado por seus membros.

A TFP tem por fim combater a maré-montante do socialismo e do comunismo, dois sistemas que reputamos afins entre si. [...]. Assim, a TFP — entre os diversos modos necessários que há para combater o comunismo — se dedica primordialmente à ação ideológica.

A ação ideológica envolve a venda de livros e oferta de cursos que são destinados a combater a filosofia materialista e evolucionista dos comunistas, bem como a sociologia, a economia e a cultura decorrentes dessa perspectiva. Fundamenta-se na filosofia de Santo Tomás de Aquino e nas encíclicas papais, na defesa de valores considerados naturais e que afirmam de forma positiva a Tradição, a Família e a Propriedade. Referências que dão nome a entidade.

A defesa da tradição por parte de seus integrantes está associada a noção de que “o verdadeiro progresso não é destruir, mas somar, não é romper, mas

24. A síntese apresentada sobre a TFP foi organizada com base nas informações disponíveis em: <<http://www.tfp.org.br/>>. Acesso em: 23 out. 2013.

continuar para o alto. [...] Visa impedir que o progresso se torne desumano, odioso”.²⁵ Defendem que “a família gera necessariamente a tradição e a hierarquia social. Depauperar e enfraquecer a família destrói a cultura e a civilização impregnadas de tradições cristãs”.²⁶ Assim, para os membros dessa entidade, a família é a base que mantém a tradição viva. Portanto, são contrários ao divórcio.

A propriedade é considerada um direito natural, inerente à essência humana: “o fundamento da propriedade está na própria natureza do ser humano. Os direitos à liberdade, ao trabalho e ao fruto de seu trabalho, isto é, à propriedade nascem da essência do homem”.²⁷ Posicionam-se claramente contrários à reforma agrária.

A TFP prega que só pela verdade ensinada pela Igreja (é a única) é possível construir uma autêntica civilização. Os princípios, objetivos e documentos públicos veiculados pela entidade explicitam concepções nacionalistas e excludentes, marcadas pelo anticomunismo, antissocialismo e antiliberalismo. Seu surgimento está ligado à obra *Revolução e Contrarrevolução*, de Plínio Côrrea de Oliveira, que, em linhas gerais, defende que a revolução (liberal e comunista) está voltada para destruição da Igreja Católica. Por seu turno, a contrarrevolução se coloca em defesa da Igreja, preservando seus valores tradicionais, num conservadorismo radical e antimoderno.

Apesar das simetrias existentes entre as novas organizações integralistas, a TFP e o campo ideológico da extrema-direita, essas entidades não se consideram integrantes desse campo político.

Outros grupos de extrema-direita no Brasil contemporâneo

No Brasil, os grupos neonazistas surgem na década de 1980, especialmente em São Paulo, num contexto no qual “o país passava por um processo de transformação da classe operária, do crescimento dos movimentos sindicais, em meio

25. Disponível em: <<http://www.tfp.org.br/>>. Acesso em: 23 out. 2013

26. Idem.

27. Idem.

à reabertura política, anistia e a redemocratização” (Andrade, 2013, p. 75). Nesse contexto de efervescência política e influenciado pelo *punk* londrino, que vivia uma *new wave* (nova onda), surgem Os Carecas do Subúrbio como oposição ao *punk* considerado comercial. Seus idealizadores criam uma ala radical do *punk* que procura se distanciar de sua referência inspiradora para compor, na sua visão, um movimento sério e nacionalista com o lema “União, Força e Seriedade”.

Os integrantes dos Carecas do Subúrbio eram oriundos das camadas empobrecidas da classe trabalhadora; a grande maioria provinha da Zona Leste de São Paulo, naquele contexto uma área industrial. De acordo com Almeida (2011), os Carecas se definiam como “jovens conscientes e não alienados, fortes de corpo, puros de mente e com o intuito de formar um exército para salvar o Brasil dos políticos corruptos e das multinacionais”. Defendiam a ideia de “um movimento sério, um estilo de vida, um movimento de trabalhadores, de brasileiros, sem negócio de fora, de gente que mora nos subúrbios”. Nesse momento, apesar de recusarem influências externas, os carecas se aproximam e se identificam com o movimento *skinhead* dos ingleses.

Em sua origem, esse movimento era composto por diferentes etnias, não partilhava do conceito de segregação e/ou preconceito racial, não incorporava simbologia nazista. A ideologia era baseada em princípios como o culto ao físico,²⁸ a prática da defesa pessoal e era contrária à utilização de drogas. Segundo Andrade, esses são os traços mais marcantes na origem do movimento no Brasil.

Uma parte dos Carecas se aproxima das ideias neonazistas e passa a utilizar seus símbolos, cindindo o movimento, já que alguns membros não aceitavam a segregação racial em face da diversidade étnico-racial brasileira. Surge, assim, um grupo dissidente, os Carecas do ABC, um movimento de extrema-direita identificado com a ideologia nazista.

A mudança ideológica desse grupo influenciará o aparecimento de outros grupos de extrema-direita pelo Brasil, principalmente no Sul do país. As ideias neonazistas são incorporadas por parte desses grupos que aderem a linha de pensamento da White Power (Força Branca), que tem como características o

28. De acordo com Ana Maria Dietrich (2011), o culto ao físico é um dos preceitos básicos da juventude hitlerista (Dietrich, A. M. Juventude nazista e neonazista no Brasil: objetivos e perspectivas. In: Víctor, R. L. (Org.). *À direita da direita*. Goiânia: Ed. da PUC-Goiás, 2011).

ultrarracismo e atua como uma “irmandade”. O primeiro grupo dessa corrente surgiu em São Paulo e ficou conhecido como Skinheads White Power.

A partir dos anos 1990 há um crescimento desses grupos no Brasil. Pesquisa realizada por Dias revela que de 2002 a 2009 o número de *sites* que veiculam informações de conteúdo neonazista subiu 170%, saltando de 7.600 para 20.502. No mesmo período, os comentários em fóruns sobre o tema cresceram 42.585%. Nas redes sociais, os dados são igualmente assustadores. Existem comunidades neonazistas, antissemitas e negacionistas²⁹ em 91% das 250 redes sociais analisadas pela antropóloga. E nos últimos nove anos o número de blogs sobre o assunto cresceu mais de 550%.³⁰

Segundo Dias, aproximadamente 150 mil brasileiros visitam mensalmente mais de cem páginas com conteúdos nazistas ou realizam mais de cem *downloads*.³¹ Desses, 15 mil são tidos como líderes e coordenam as incitações de ódio na internet. A pesquisa aponta os estados brasileiros com maior número de internautas que baixaram mais de cem arquivos de sítios neonazistas: Minas Gerais (6 mil); Goiás (8 mil); Paraná (18 mil); São Paulo (29 mil); Rio Grande do Sul (42 mil); Santa Catarina (45 mil). A região Sul é a que mais concentra simpatizantes neonazistas.³²

Com base nesses dados, realizamos um breve levantamento na internet para caracterizar alguns movimentos de extrema-direita atuantes no Brasil. Identificamos oito deles: Kombat Rac; White Power SP; Front 88;³³ Ultra Defesa; Ultra Skins; Brigada Integralista; Resistência Nacionalista; Terror Hooligans.³⁴

29. As ideias negacionistas são resultado do negacionismo. Este é definido como a capacidade em negar algo que está aparente na realidade.

30. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/04/conheca-o-mapa-neonazista-no-brasil.html>>. Acesso em: 20 out. 2013.

31. O número de acesso e de *downloads* realizados pelos visitantes foi o critério utilizado pela pesquisadora para definir a identificação com o conteúdo divulgado.

32. Existe na região Sul do país o movimento separatista sulista chamado O Meu País É o Sul, cujo objetivo é transformar a região em um país, separando-se do Brasil.

33. O número 88 é uma forma simbólica que grupos nazista ou neonazistas utilizam para fazer referência ao líder Adolf Hitler. O número 8 representa a oitava letra do alfabeto (H) e para eles significa “Heil Hitler!” (HH).

34. É um movimento neonazista inspirado nos torcedores do time Hooligans, que vão aos estádios especialmente para entrar em conflito com torcedores de outros times.

De forma ilustrativa, destacamos alguns elementos dos conteúdos disponibilizados na internet por dois desses grupos: a Ultra Defesa e a Resistência Nacionalista.

A Ultra Defesa, de Mairinque, cidade do interior de São Paulo, de acordo com o seu próprio site,³⁵ “é uma instituição social, política e reivindicatória de cunho nacionalista e patriota”. Defende a moral, e seus participantes são tidos como homens virtuosos e aguerridos que defendem os verdadeiros valores. Prezam a ordem e a disciplina. Utilizam a saudação romana, pois consideram que a antiga Roma é depositária da verdadeira e original tradição do Ocidente. Defendem “um Estado forte, espiritualista e transcendente”, “valores aristocráticos e guerreiros” de nossa formação cultural e uma “nação viril, comandada por uma verdadeira elite, virtuosa e viril”. Posicionam-se abertamente contra o neoliberalismo, o aborto e a homossexualidade. Defendem as forças armadas, a harmonia entre as classes e a terceira via (um Estado espiritualista e transcendente).

A Ultra Defesa, conforme seu *site*, realiza reuniões semanais, atividades culturais, esportivas e ministra palestras aos jovens com os seguintes conteúdos: O crime do aborto, O mal das drogas, O respeito à família, Ordem e disciplina na rua e no lar, Educação moral e cívica, O direito a propriedade, Direito a legítima defesa, Filosofia, História, Valorização do que é nacional, bem como outros assuntos pertinentes.

A Resistência Nacionalista³⁶ é um movimento/grupo que se autodefine como de extrema-direita e que recusa a identidade neonazista ou fascista. Considera que por “acolherem nordestinos e negros”, segundo seu líder, não pode ser identificado com o nazifascismo. Afirma que o seu ideal é nacionalista e não étnico. Revela a pretensão de montar um partido conservador de direita,³⁷ pois de acordo com seus membros, vivemos numa ditadura de esquerda no Brasil. O movimento defende a família e é contrário às drogas, ao aborto e à homossexualidade.

35. Disponível em: <<http://ultradefesa.blogspot.com.br>>. Acesso em: 20 out. 2013.

36. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4xo-bRSE7GE>>. Acesso em: 20 out. 2013.

37. O líder da Resistência Nacionalista, em depoimento disponível na internet, se refere ao filósofo, jornalista e colunista Olavo de Carvalho como um de seus mentores intelectuais.

Chama atenção a facilidade de acesso aos conteúdos disponibilizados por esses grupos na internet e a dificuldade de se obter informações mais detalhadas sobre seus membros, sedes e formas de funcionamento. Outro elemento que chama a atenção é que esses grupos não se assumem como nazistas ou fascistas.

Paxton, mesmo considerando a improvável reedição das características do fascismo clássico, afirma que na década de 1990 o fim do regime fascista foi posto em dúvida. Analisa a proliferação pelo mundo de uma série de grupos fragmentados de extrema-direita com uma grande variedade de temas e práticas extremistas. E diz que o “medo da decadência e do declínio; afirmação da identidade nacional e cultural; a ameaça à identidade nacional e à ordem social representada pelos estrangeiros inassimiláveis; e a necessidade de uma autoridade mais forte para lidar com esses problemas” (2007, p. 304), bem como ataques ao liberalismo e ao individualismo econômico, ao comunismo, às instituições democráticas, ao Estado de direito, o princípio da transcendência, devoção ao líder virtuoso e a defesa de uma suposta supremacia racial ou de grupos, são traços que podem ser encontrados explícita ou implicitamente nas ideias defendidas por tais grupos.

Ao mesmo tempo que encontramos profundas simetrias com as ideologias fascistas e nazistas, encontramos também o esforço por parte de alguns desses grupos para se diferenciar desse campo ideológico. No entanto, como tendência geral nos grupos pesquisados, identificamos a demonização ou a ideia de eliminação de algum inimigo externo, o anticomunismo e o antiliberalismo. São ultranacionalistas, e sua identidade se constrói em torno de uma liderança forte e de símbolos medievais, religiosos e nacionalistas.

Do ponto de vista ético e político, tanto os que defendem quanto a razão de sua existência merecem uma análise mais aprofundada na perspectiva de superação das condições que as favorecem.

3.2 A extrema-direita e o poder do Estado

Os elementos até aqui analisados permitem identificar que há movimentos, grupos e entidades de extrema-direita muito próximos do campo ideológico do

nazifascismo. Do mesmo modo, analisamos como o capitalismo contemporâneo apresenta traços de esgotamento do projeto civilizatório da ordem do capital. Discutimos também como as crises de dominação e o irracionalismo criam as condições para o florescimento de práticas fanáticas e fundamentalistas.

Considerando que na democracia burguesa o exercício do poder é realizado não apenas, mas hegemonicamente, no âmbito do Estado, pareceu-nos importante apresentar no cenário mundial,³⁸ ainda que brevemente, como vem ocorrendo o desempenho político dos partidos de extrema-direita.³⁹

A ascensão dos atuais movimentos de extrema-direita, principalmente na Europa, não é episódica. Na verdade, essa ideologia nunca deixou de existir, mesmo após a derrota do nazifascismo na Segunda Guerra Mundial.

Na França, a extrema-direita vem crescendo com o fortalecimento do Partido da Frente Nacional, fundado em 1972, por Jean Marine Le Pen, candidato derrotado por cinco vezes à presidência da República. A atual presidente do partido é sua filha, Marine Le Pen, que conseguiu triplicar o número de militantes (70 mil) e não aceita que o partido seja identificado como sendo de extrema-direita. A Frente Nacional influenciou a criação de novos partidos da extrema-direita na Europa, em função de seu desempenho nas disputas eleitorais na década de 1980.

Sader destaca que Engels apontou este país como “o berço das grandes lutas emancipatórias contemporâneas”, mas que este ciclo se encerra na década de 1960, mais precisamente após as barricadas de 1968. Analisa mudanças na identidade política dos trabalhadores e constata que “a extrema-direita passou a explorar, de forma intensa e efetiva, a imigração, incentivando as tendências chauvinistas e até mesmo racistas dos trabalhadores franceses”.

O jornalista argentino Eduardo Febbro, alerta que “a Frente Nacional deixou de ser um partido de uma minoria para se converter no partido de todos: jovens, trabalhadores, votantes comunistas, eleitores oriundos da direita clássica, do Partido Socialista, executivos e agricultores”.

38. As informações sobre os partidos de extrema-direita na Europa foram sintetizadas a partir dos conteúdos de vários sítios da internet e de agências de notícias.

39. No momento de revisão deste ensaio, a Frente Nacional, extrema-direita da França, ganhava as eleições para o Parlamento Europeu.

A revista *Caros Amigos*⁴⁰ dedica duas páginas para análise do crescimento da Frente Nacional na França. Apresenta os traços de renovação do discurso do partido pela liderança de Marine Le Pen e dados sobre as preferências do eleitorado que favorecem o partido. O mote político desse desempenho é a questão da imigração, pois “mais de 95% dos eleitores da Frente Nacional acham que há estrangeiros demais no país”. Eduardo Cypel, brasileiro radicado na França, eleito deputado estadual em 2010, foi vítima de discriminação por parte de um deputado da Frente Nacional, o europeu Bruno Gollnisch.

A Grécia, mergulhada numa profunda crise recessiva que já dura seis anos, tem sido cenário de ataques violentos contra imigrantes. Em 2013, o *rapper* Pavlos Fyssas, de 34 anos, ligado ao movimento antifascista de Atenas, foi morto a facadas. Muitas das violências praticadas contra imigrantes estão associadas aos membros do partido Aurora Dourada. O analista político Stan Draenos entende que as autoridades gregas têm sido negligentes na apuração dos crimes.⁴¹

O Partido Aurora Dourada, surge na década de 1980, com a queda dos partidos tradicionais, sobretudo do Partido Socialista. É um partido nazista, militar, masculino, que comete assassinatos. Identificam como seus inimigos principalmente os comunistas, além dos imigrantes. Seu líder Nikólaos Michaloliákos (56 anos), é um puro produto da ditadura de extrema-direita (1967-1974). Em entrevista ao Jornal O Globo, o filósofo Grego Michel Vakaloulis afirma, que “o eleitorado da Aurora Dourada é muito popular” que “voltamos à lógica dos anos 30, com a crise econômica: na França, foi a emergência da Frente Popular, e na Alemanha, do nazismo. O fascismo não é uma fatalidade. É preciso acabar com ele”.⁴²

Em 2009 o Partido obteve 0,29% dos votos, três anos mais tarde elegeu dezoito deputados para o Parlamento grego, com 7% dos votos. Por outro lado

40. A extrema-direita se populariza na França (2013, p. 32-33).

41. Carta, G. *Cidadãos gregos expressam sua opinião sobre o Aurora Dourada*. Disponível em: <<http://www.esquerda.net/artigo/gr%C3%A9cia-aurora-dourada-outra-face-da-extrema-direita-europeia/28766>>. Acesso em: 26 out. 2013.

42. Berlinck, D. “Aurora Dourada é uma organização mafiosa”, diz filósofo grego. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/aurora-dourada-uma-organizacao-mafiosa-diz-filosofo-grego-1-10047712>>. Acesso em: 27 out. 2013.

os partidos tradicionais, os sociais democratas Pasok e a Nova Democracia (direita clássica) que tinham 77% dos eleitores, hoje tem somente 32%.

Na Holanda, o destaque no campo da extrema-direita é o Partido da Liberdade/PVV, fundado em 2006, cujo líder é Geert Wilders, xenófobo e anti-muçulmano. O partido considera a imigração muçulmana um desastre para a economia, afetando também a qualidade da educação, aumentando a insegurança nas ruas, no que se refere aos judeus e homossexuais. O primeiro ministro Rutte ao se manifestar na Câmara, alegou que não interfere “nas posições particulares de nenhum partido”, o que significa que tem se eximido no combate de práticas da extrema-direita, principalmente para manter seus apoios políticos. Em 2010, o Partido da Liberdade elegeu 25 deputados, ficando atrás apenas dos liberais (Mark Rutte), com 31 eleitos, e dos trabalhistas (Job Cohen), com trinta. O jornal *Ouronews*⁴³ destaca que “a crise econômica, a imigração e o desemprego têm sido o objetivo principal das políticas de direita na Europa, nestes últimos anos. Os resultados em nível regional e mesmo nacional progrediram, mas nos parlamentos, principalmente no Parlamento europeu, a representação continua a ser baixa”.⁴⁴

Na Alemanha, destacam-se dois partidos de extrema-direita. O Partido Nacional Democrata Alemão (NPD) e o partido A Direita. O NPD, fundado em 1964, é uma agremiação antisemita, xenófoba e racista. O Parlamento alemão e o Conselho Federal pediram a cassação da sigla do NPD, a última em 2001, que, após dois anos, sofreu derrota judicial.

O partido A Direita foi criado em 2012, e seu nome é uma analogia ao partido alemão A Esquerda. Prega “preservação da identidade alemã” como um dos “pontos cruciais” da nova facção. Entre outras ideias, defende-se que “a tolerância a estrangeiros que vivem permanentemente na Alemanha” deveria ser cessada”. É presidido por Christian Woch, que já pertenceu ao Partido do Povo Alemão (DVU) que se fundiu em 2011 ao NPD.

43. Partidos de direita unem-se para fazer coligação para as eleições europeias. Disponível em: <<http://pt.euronews.com/2013/10/23/partidos-de-direita-unem-se-para-fazer-coligacao-para-as-eleicoes-europeias/>>. Acesso em: 28 out. 2013.

44. Quadro que já foi alterado. Ver nota 19.

Na Hungria, a extrema-direita é representada pelo Partido Jobbik, que surge em 2002 como uma associação juvenil de direita, criada por estudantes universitários católicos e protestantes, em 2003 torna-se partido, e, atualmente é o terceiro maior no Parlamento. Naquele ano, houve a realização do Congresso Mundial Judaico. A cidade de Budapeste foi escolhida diante da realidade de que 600 mil judeus foram mortos durante a Segunda Guerra Mundial. Para protestar contra a realização do Congresso Judaico, cerca de mil apoiadores do Jobbik realizaram uma manifestação em Budapeste e segundo o líder do partido Gabor Vona: “Somos especiais na Europa não porque somos a maior nação antissemita, mas porque mesmo tendo toda a Europa a seus pés, mesmo que a Europa lhes lamba os pés, nós não o vamos fazer”.

Na avaliação de Peter Feldmayer, líder da Federação das Comunidades Judaicas da Hungria, “o fortalecimento do Jobbik é apenas um sintoma destas questões; o grande problema é que existe cerca de meio milhão de pessoas que apoiam a extrema-direita e muitas mais aceitam a atitude negativa com os judeus”.

Na Itália de Mussolini, o partido Liga Norte foi criado em 1989, após a união de seis movimentos independentes, e desde 1996 defende a separação das regiões do Norte da Itália. Defende um Estado federativo. É contra a adoção de moeda única no Parlamento europeu. Coloca-se como defensor das pequenas e médias empresas e contra os grandes capitalistas. Cria o Sindicato Autonomista Lombardo, chamado depois de Sindicato Padano, com poucos filiados, que nunca teve muita expressão. Os votos da Liga são tanto dos patrões quanto dos operários.

O partido tem destacado a importância das empresas do Norte da Itália e a produção de riquezas (vários operários hoje são patrões) e acusa o Sul de parasitas e os imigrantes de ocuparem seus postos de trabalho, “no entanto, é útil na fábrica para fazer os serviços mais pesados, mais sujos. A Liga dirige-se aos trabalhadores nativos instigando sentimentos de ódio contra os imigrantes e se posiciona sempre pela proteção da família constituída pelo homem e pela mulher”.

O fundador e secretário do partido é Umberto Bossi, envolvido junto com seu filho em escândalos sobre financiamento público à Liga Norte. Nas

eleições para o Parlamento na Itália em 2013, o centro esquerda ganha maioria na Câmara, mas Berlusconi ganha no Senado.

Matéria publicada em abril de 2012 trata da proximidade entre a Liga Norte e a Frente Nacional (França):

[...] a amizade entre a Frente Nacional francesa e movimentos de extrema-direita na Itália é antiga. [...] um dos políticos mais extremistas e xenófobos da Itália, Mario Borghezio, em março de 2011 trouxe Marine Le Pen à ilha de Lampedusa, no sul da Itália, para um comício contra os imigrantes. Borghezio [...], anunciou que no próximo 1º de maio vai a Paris participar da manifestação da Frente Nacional em homenagem a Joana D'Arc.⁴⁵

Em junho de 2013 a vereadora da Liga Norte Dolores Valandro, pergunta no facebook: “Por que ninguém estupra essa mulher?”,⁴⁶ se referindo à ministra Cecile Kyenge, nascida na República do Congo, responsável pela pasta da Integração, que tenta implementar medidas aos imigrantes para acesso a cidadania.

Nossas breves incursões sobre o panorama dos partidos de extrema-direita em alguns países da Europa revelam tanto sua popularização, pelo crescente desempenho nas urnas, como profundas identidades com a ideologia nazifascista. Os inimigos desses partidos são os imigrantes de um modo geral, negros, muçulmanos e judeus em especial. A recusa ao comunismo também é uma constante em suas bandeiras, assim como a violência praticada por grupos a eles associados.

O cenário é assustador, mas como insistimos desde o início de nossa exposição, a mera constatação ou recusa ideológica não têm sido suficientes para frear o seu crescimento, o que revela a centralidade do tema para a agenda da esquerda.

A título de considerações finais, na última parte desse ensaio esboçamos algumas aproximações com o debate da ética e dos direitos humanos.

45. Marine Le Pen vira idolo da extrema-direita italiana. Disponível em: <<http://www.portugues.rfi.fr/europa/20120427-marine-le-pen-vira-idolo-da-extrema-direita-italiana>>. Acesso em: 28 out. 2013.

46. Carvalho, F. *Por que estupra essa mulher*. Disponível em: <<http://180graus.com/politica/vereadora-italiana-fala-sobre-ministra-negra-por-que-ninguem-estupra-essa-mulher>>. Acesso em: 28 out. 2013.

Ética, direitos humanos e a extrema-direita: considerações finais

O material com o qual tivemos contato nesse breve levantamento sobre os matizes da extrema-direita no contexto contemporâneo revela que os valores, princípios e concepções de homem e sociedade defendidos pelos grupos que integram esse campo ideológico na atualidade utilizam o princípio da transcendência (irracional e sagrado) para justificar seus discursos e práticas em face de condições de profundas desigualdades, insatisfações, medo e insegurança.

Neste sentido, é possível afirmar que a base material que propicia formas de consciência irracionais permanece sendo em seus fundamentos uma crise de dominação, como ocorreu no período de ascensão do nazifascismo.

Embora haja uma recusa por parte dos grupos, movimentos e partidos de extrema-direita ao ideário fascista e nazista, a aproximação de suas convicções e ações com esses fenômenos é latente.

Do ponto de vista da ética e dos direitos humanos, quais são os desafios postos pela existência e pelo crescimento da extrema-direita? Desse mesmo ponto de vista, quais os riscos de ampliação do enraizamento político desse campo ideológico?

A sociabilidade burguesa coloca limites concretos para a realização da ética e dos direitos humanos. O caráter desigual e opressor da ordem do capital não assegura a igualdade e a emancipação. Ao contrário, reproduz de forma contraditória as mediações necessárias para sua manutenção.

No entanto, a realização tanto da ética quanto dos direitos humanos, embora suponham escolhas valorativas não alienadas e possibilidades objetivas, inscrevem-se nas posições teleológicas e alternativas da práxis, uma vez que os indivíduos sociais são dotados — no sentido histórico —, ainda que de forma desigual, de capacidades humano-genéricas que lhes confere potencialidades para superar as indeterminações postas pela totalidade social.

O espectro da extrema-direita supõe um enfrentamento ético e político, especialmente pela mediação de projetos coletivos capazes de enfrentar de forma autêntica as condições materiais que estão na base das expressões contemporâneas da barbárie.

A ética, uma modalidade de práxis, visa a transformação de comportamentos, formas de consciência e de valores que orientam as escolhas dos indivíduos sociais. Seu conteúdo histórico vincula-se às conquistas humanas que afirmam a liberdade como valor ético central e que orientam práticas concretas que, pela mediação da política, concretizam projetos de caráter humanitário e emancipador. Os direitos humanos, considerados numa perspectiva histórica, assumem importância estratégica para a constituição da unidade na diversidade para formulação de tais projetos coletivos. O mesmo ocorre com valores conquistados no interior da luta de classes, como a democracia, a igualdade e a liberdade. Os direitos humanos e os valores éticos que expressam conquistas do gênero não perdem sua validade histórica, mesmo diante da barbárie. Permanecem como horizonte e referência para orientar as determinações da práxis.

No entanto, tal defesa não pode ser formal, abstrata, supõe a crítica contundente e radical sobre as determinações históricas que geram a desumanização. Envolve, portanto, uma crítica radical da ordem do capital e sua forma contemporânea de produção da barbárie e a construção de estratégias coletivas para seu enfrentamento.

Outro desafio ético e na perspectiva dos direitos humanos é a crítica do cotidiano. A ultrapassagem da reificação do cotidiano contemporâneo é fundamental para uma consciência crítica sobre as mediações particulares presentes em todos os poros da vida social que contribuem para reprodução ampliada da barbárie.

As expressões da extrema-direita na atualidade encontram na crise estrutural de acumulação do capital sua base material. A barbárie não é fruto de grupos desumanos em sua essência, mas de um modo de organização social que gera uma particular forma de essência humana.

A crítica teórica é um instrumento fundamental para superação da barbárie, mas torna-se inócua se desvinculada da prática social e política. Por isso, insistimos que entender e enfrentar o campo ideológico da extrema-direita é uma agenda urgente para a esquerda.

Os desafios para enfrentar o enraizamento político do ideário de extrema-direita são enormes. A favor da ideologia de extrema-direita jogam um peso diferenciado toda a cultura pós-moderna e neoliberal, com seus traços consti-

tutivos: efêmera, irracional, fragmentária, contingencial, negadora de valores universais, das formas clássicas de organização e participação política (sindicatos, partidos, movimentos sociais), de militarização da vida social, de produção da cultura do medo e da insegurança, de banalização da vida.

Vimos como os grupos de extrema-direita se conectam pela rede virtual que favorece o anonimato e a ausência de controle social democrático. Cotidianamente somos bombardeados pela mídia patronal com mensagens consumistas, individualistas, sensacionalistas, satanizadoras do Estado, das políticas sociais públicas, do espaço público, dos partidos e da política e sacralizadoras do mercado, do empreendedorismo, da celebridade, do intimismo, do subjetivismo fútil e rasteiro.

A televisão, os blogs, faces e páginas pessoais ou da mídia estão saturados de mensagens e filosofias que dão sustentação ideológica para o campo ideológico da extrema-direita. Os opositores de esquerda, os jovens, os pobres, os negros, mulheres e homossexuais são vandalizados, estigmatizados e caricaturados diariamente pela mídia patronal nos conteúdos de seus vários programas diários ou editoriais “jornalísticos”. A terceira via, tão propalada pela extrema-direita, por meio dos formadores de opinião, reveste-se de um humanismo abstrato cuja concretização aparece de forma oscilante pela mediação da transcendência religiosa ou do governante forte.

O projeto da extrema-direita é alimentado por fundações, associações, institutos e grupos que articulam a chamada sociedade civil organizada, empresários e pensadores de ocasião, como é o caso de âncoras de jornal, comentaristas e filósofos profissionais que trabalham para a grande mídia patronal. Alguns se autointitulam independentes, vendendo livros e cursos. Pautam a vida social pelos seus interesses de classes. A barbárie que extermina só se torna informação de interesse público quando seu projeto está ameaçado. A barbárie do desemprego, da falta de moradia, do agrotóxico nas nossas mesas, da degradação do meio ambiente, do trabalho escravo e infantil, da ação letal da polícia e das milícias nas periferias urbanas, dos coronéis nas zonas rurais, das privatizações, do sucateamento das políticas sociais não integram o conteúdo de suas análises.

Uma análise um pouco mais detida dos princípios, regimentos e documentos publicados pelas entidades e grupos de extrema-direita indica a afirmação

do conservadorismo e de valores do humanismo abstrato: defesa da vida, da família, da paz social e da harmonia. No entanto, todos, sem exceção, defendem como direito natural a propriedade privada, que inclui os meios de produção obviamente, fundamento da desigualdade na ordem do capital. Indicam também traços xenofóbicos e segregadores, pois sempre identificam um outro como inimigo desses valores, em sua maioria comunistas, estrangeiros, imigrantes, negros e homossexuais. À mulher não é reservado nenhum papel ou lugar público e de liderança.

A mídia patronal e alguns agentes “independentes” cumprem um papel funcional à reprodução de visões que alimentam o campo ideológico da extrema-direita. O poder de comunicação — a fala fácil, direta, pouco aprofundada, parcial e saturada de sensacionalismo explorador das mazelas cotidianas — tem grande receptividade num contexto social despolitizado e cindido entre os projetos e aspirações individuais e genéricas.⁴⁷ A mensagem da extrema-direita, embora faça referência a um *nós*, procura identificar na mazela comum da barbárie contemporânea aquilo que remete à profundidade do eu, aquilo que permite a identificação imediata entre os anseios, angústias, incertezas e medos produzidos pela realidade comum de todos, aqueles que são intimamente experimentados por cada um.

O terror produzido pelo fundamentalismo religioso, pelo terrorismo, pelo narcotráfico, pela violência urbana e rural é dissociado do fundamentalismo de mercado, este último sequer considerado como real. Todos esses elementos aparecem no material analisado neste ensaio e colocam o desafio ético e político para sua profunda compreensão e enfrentamento.

Recebido em 9/5/2014 ■ Aprovado em 2/6/2014

47. Dois episódios que ocorreram após a realização do seminário que baliza este ensaio merecem destaque: 1) as manifestações de apoio da jornalista Rachel Sheherazade do SBT, em fevereiro de 2014, aos “justiceiros do Flamengo” na cidade do Rio de Janeiro. O grupo espancou um jovem acusado de roubo e, posteriormente, o deixaram nu e preso a um poste, pelo pescoço, com uma trava de bicicleta; 2) em maio de 2014, Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, foi agredida até a morte por dezenas de moradores de uma comunidade na cidade do Guarujá, litoral de São Paulo, depois da publicação de um retrato falado em uma página no Facebook de uma mulher que realizava rituais de magia negra com crianças sequestradas.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, A. Os *skinheads* brasileiros e os movimentos nacionalistas contemporâneos. In: VICTOR, R. L. (Org.). *À direita da direita*. Goiânia: Ed. da PUC-Goiás, 2011.
- ANDERSON, P. O sentido da esquerda. In: BOBBIO, N. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 2011.
- ANDRADE, Guilherme Ignácio F. A trajetória da extrema-direita no Brasil: integralismo, neonazismo e revisionismo histórico (1930-2012). In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA “REVOLUÇÕES NAS AMÉRICAS: PASSADO, PRESENTE E FUTURO”, 5., *Anais...*, p. 75, 2013.
- BOBBIO, N. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 2011.
- CALDEIRA NETO, Odilon. O neointegralismo e a questão da organização partidária. Revista eletrônica *Boletim do Tempo*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 18, 2011. Disponível em: <<http://www.tempopresente.org>>. Acesso em: 20 out. 2013.
- CAMARATA, P. *Nasce a Liga Norte*, 1989. Publicado em 14 set. 2013. Disponível em: <http://www.litci.org/pt/index.php?option=com_content&view=article&id=3706:italia-1989nasce-a-liga-norte&catid=35:italia>. Acesso em: 28 out. 2013.
- CAMARATA, P. Itália, 1989: nasce a Liga Norte. Disponível em: <http://www.litci.org/pt/index.php?option=com_content&view=article&id=3706:italia-1989-nasce-a-liga-norte&catid=35:italia>. Acesso em: 28 out. 2013.
- CAMARGO, C. No reino das trevas. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (Orgs.). *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CARTA, G. Cidadãos gregos expressam sua opinião sobre o Aurora Dourada. Disponível em: <<http://www.esquerda.net/artigo/gr%C3%A9cia-aurora-dourada-outra-face-da-extrema-direita-europeia/28766>>. Acesso em: 26 out. 2013.
- CARVALHO, F. *Por que estupra essa mulher*: Publicado em 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://180graus.com/politica/vereadora-italiana-fala-sobre-ministra-negra-por-que-ninguem-estupra-essa-mulher>>. Acesso em: 28 out. 2013.
- COSTA, M. R. C. *Carecas do subúrbio: caminhos para o nomadismo moderno*. São Paulo: Musa, 2000.
- COUTINHO, C. N. *Intervenções: o marxismo na batalha das ideias*. São Paulo: Cortez, 2006.

COUTINHO, C. N.; NETTO, J. P. *György Lukács. Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2011.

DEMANT, P. A escorregada rumo ao extremismo muçulmano. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (Orgs.). *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004.

DIAS, A. *Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na internet*. Campinas, Unicamp, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752005000100012&script=sci_arttext>. Acesso em: jun. 2013.

DIETRICH, A. M. Juventude nazista e neonazista no Brasil: objetivos e perspectivas. In: VICTOR, R. L. (Org). *À direita da direita*. Goiânia: Ed. da PUC-Goiás, 2011.

FEBBRO, E. Extrema-direita pode-se tornar o primeiro partido na França. Tradução de Marco Aurélio Weissheimer. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Extrema-direita-pode-se-tornar-primeiro-partido-da-Franca/6/29193>>. Acesso em: 26 out. 2013.

FREDERICO, C. *Crise do socialismo e movimento operário*. São Paulo: Cortez, 1994. v. 33. (Questões de nossa época.)

LUKÁCS, G. Concepção aristocrática e concepção democrática de mundo. In: COUTINHO, C. N.; NETTO, J. P. (Orgs.). *O jovem Marx e outros escritos de filosofia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

LUKÁCS, G. *Estética*. México: Grijalbo, 1966. v. 1.

_____. *El asalto a la razón*. Barcelona: Grijalbo, 1968.

LOURENÇO, Amanda. A extrema-direita se populariza na França. *Caros Amigos*, São Paulo, ano XVII, n. 138, set. 2013.

MACEDO, J. R. A “Guerra Santa” na Idade Média. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (Orgs.). *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004.

MARICATO, E. et al. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. *Carta Maior*, São Paulo, Boitempo 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.

MENDES, R. A. S. Marchando com a família, com Deus e pela liberdade: o 13 de março das direitas. *Varia história*, Belo Horizonte, v. 21, n. 33, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752005000100012&script=sci_arttext>. Acesso em: Acesso em: jun. 2013.

NETO, José Alves de Freitas. Caça às bruxas. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (Orgs.). *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004.

NETO, O. C. O neointegralismo e a questão da organização partidária. Disponível em: <<http://www.tempopresente.org>>. Acesso em: jun. 2013.

NETTO, J. P. *Georg Lukács: o guerreiro sem repouso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

OLIVEIRA, P. C. Luz, água ou lenha [publicado originalmente na *Folha de S.Paulo*, 22 jan. 1969]. Disponível em: <<http://www.tfp.org.br/tradicao-familia-e-propriedade/luz-agua-ou-lenha>>. Acesso em: 20 out. 2013.

PAXTON, R. O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SADER, E. França: de polo progressista a conservador na Europa. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Blog/Blog-do-Emir/2>>. Acesso em: 26 out. 2013.

_____. *O anjo torto: esquerda (e direita) no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SALGADO, P. *O estrangeiro*. São Paulo: Panorama, 1948.

TAROUCO, G. S.; MADEIRA, R. Partidos, programas e o debate sobre esquerda e direita no Brasil. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, v. 21, n. 45, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782013000100011>. Acesso em: jun. 2013.

TEIXEIRA JR., G. A. *Razão de Estado e política antiterrorista nos Estados Unidos*. Tese (Doutorado) — Unicamp, Campinas, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000835637&fd=y>>. Acesso em: jun. 2013.

VICTOR, R. L. (Org.). *À direita da direita*. Goiânia: Ed. da PUC-Goiás, 2011.